

VÍNCULO E IMAGINÁRIO¹

Dra. Malena Segura Contrera - UNIP²

Resumo: O presente texto considera que corpo e alma são uma só e mesma coisa, e que, como consequência, os processos psicoafetivos perpassam tanto um como outro. Neste sentido, vínculo e imaginário se interpenetram, manifestando-se como processos imbricados, evidenciando a forma como o imaginário afeta as emoções, bem como as emoções produzem imagens e imaginários específicos. A partir dessa dinâmica propomos a relevância da compreensão dos fenômenos de contágio psíquico e de possessão psíquica, advindos dessa relação, especialmente significativos para a compreensão dos fenômenos de massas e culturais.

Palavras-chave: Imaginário. Vínculo. Contágio Psíquico. Emoções.

Abstract : This current text considers that body and soul are one and the same thing and, as a consequence of that, the psycho-affective processes graze them both. In this sense, bonds and the imaginary interpenetrate each other, manifesting themselves as imbricated processes that make it clear how the imaginary affects emotions, as well as how emotions produce specific images and imaginaries. From this dynamic, we propose it is relevant to comprehend the phenomena of psychic contagion and of psychic possession that come out of this relationship, specially meaningful for the understanding of the cultural and mass phenomena.

Keywords: Imaginary. Bond. Psychic Contagion. Emotions.

Ao perdermos nossa realidade somática, tornamo-nos habitantes de uma terra de ninguém: o mito do corpo abandonado. Preencher-se novamente é o Graal.
(STANLEY KELEMAN)

A discussão acerca do vínculo na comunicação nos remete necessariamente ao corpo por serem a partir das vivências concretas que o vínculo se estabelece desde os primeiros momentos de vida, ainda de forma intrauterina. Ainda que a Psicologia tenha se ocupado

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Imaginário e Vínculos, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

²Malena Segura Contrera é doutora em Comunicação, professora titular do PPGCOM UNIP, líder do Grupo de Pesquisa em Mídia e Estudos do Imaginário. É também psicoterapeuta junguiana e professora do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa de São Paulo. E-mail: malenacontrera@uol.com.br.

bastante da relação de vínculo entre mãe e filho³, e a Etologia, na voz de Boris Cyrulnik, possa ser hoje considerada a área que mais contribui para o tema do vínculo nas relações humanas, as relações entre vínculo e imaginário continuam inexploradas.

De início, se considerarmos que o vínculo parte do corpo e que imaginário trata de processos simbólicos em grande parte imateriais, pode parecer estranho aproximar os dois termos. É justamente dessa falsa incompatibilidade que quero tratar; quase sempre as disjunções propostas pelo pensamento científico cartesiano não sobrevivem a um segundo olhar a partir do paradigma do pensamento complexo.

A centralidade do vínculo para os estudos da Comunicação já foi nosso objeto de atenção em outros momentos (CONTRERA in MARCONDES FILHO: 2009), e sua importância se reforça quando consideramos a instrumentalização técnica pela qual as relações comunicativas passaram no último século, que triunfaram na criação de um estado de hiperconexão técnica, que, no entanto, segue não dando conta das mais básicas necessidades emocionais e afetivas do ser humano⁴.

O primeiro a perceber a profunda relação entre corpo e imaginário foi Gilbert Durand. Para A. T. Portanova Barros, Durand pretendia:

‘[...] resolver definitivamente a estéril querela que opõe culturalistas e psicólogos’ (Durand, 2003, p. 178). Este trajeto se daria entre dois polos relativamente estáveis: as intimações biopsíquicas, dadas pela natureza humana mesma, e as coerções apresentadas pelos contextos históricos, sociais, culturais...”

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5119/3446>

Portanova Barros afirma que isso se torna evidente no pensamento de Durand quando ele aponta, inspirado na reflexologia de Betcherev, esquemas sensório-motores dominantes que seriam também responsáveis por criar o imaginário simbólico. Aponta três grandes esquemas reflexos: o reflexo postural, responsável pela verticalidade que caracteriza a hominização, organizando as imagens de enfrentamento e disjunção; o reflexo digestivo, que traz condutas de assimilação, mas também de rejeição e ejeção; o reflexo rítmico ou copulativo, referente à sexualidade, organizando as imagens simbólicas relacionadas à

³ Referimo-nos aqui especialmente aos clássicos estudos de Melaine Klein e D. W. Winnicott.

⁴ O processo de hiperconexão técnica e seus impactos foram primeiramente tratados no livro *Mídia e Pânico*, de 2002.

percepção do tempo cíclico ou linear (in PORTANOVA BARROS <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5119/3446>).

Certamente essa divisão entre corpo e cultura já foi também bem trabalhada pela Antropologia (LE BRETON; KAMPER; BAITELLO), e não nos compete repassar essa discussão, mas ainda hoje quando falamos de imaginário não parece claro o fato de que ele se inscreve no corpo, que toda a imagem evocada retroage sobre quem a evoca, bem como que todo gesto do corpo abriga um imaginário próprio.

O mesmo acontece com o conceito de psicossomática quando o senso comum trata alguma doença como psicossomática, ignorando que de fato todo e qualquer sintoma ou doença são psicossomáticos, já que não seria possível falar de algo que aconteça apenas no corpo ou apenas na psique, como se eles não pertencessem a um único e indissociável todo. Sobre isso, C. G. Jung afirmou que:

Devo confessar que ignoro o que seja simplesmente o espírito, da mesma forma como não sei o que seja a vida em si. Conheço a “vida” somente sob a forma de um corpo vivo; mas o que ele seja em si e por si, em seu estado abstrato, nem sequer obscuramente o consigo imaginar. Assim, em vez de vida, devo falar primeiramente do corpo vivo e, em vez de espírito, devo falar de fatores psíquicos (JUNG, 2011, par. 604).

Utilizando metáforas alquímicas Jung trabalha longamente essa relação entre a psique e corpo:

Em última análise, o corpo humano também é constituído da matéria do mundo e é nela que as fantasias se tornam manifestas; sim, sem ela, as "fantasias" não podem ser experienciadas. Sem matéria, elas seriam mais ou menos como grades abstratas de cristal dentro de uma solução de lixívia em que o processo de cristalização ainda não começou (JUNG, 2002, p.173).

Mas se num âmbito pessoal conseguimos imaginar que as imagens que habitam a alma de alguém de certa forma também se fazem presentes em seu corpo, nem sempre é fácil compreender essa relação se consideramos a presença dos conteúdos arquetípicos e culturais em nós, na dinâmica psique-corpo. E é para compreender essa relação entre imaginário cultural e corpo que se torna tão valiosa a reflexão proposta por Joseph Campbell e Stanley Keleman sobre as relações entre Mito e Corpo.

Apresentando a Mitologia como uma função da Biologia, Campbell afirma ser o mito “...um produto da imaginação do soma. O que os nossos corpos dizem? E o que eles estão nos contando? E os órgãos do corpo são os determinantes dessas energias e dos conflitos entre os sintomas de impulso dos órgãos e a harmonização desses conflitos. Esses são os assuntos de que tratam os mitos” (J. CAMPBELL, 2001, p.25).

A seguir esse pensamento, Keleman, considerando que “um mito ajuda a ordenar as experiências maiores da vida, como lealdade, sexualidade, morte” (KELEMAN, 2001, p.27) propõe que concretizamos no corpo a nossa vida psíquica: “damos permanência às nossas experiências quando as corporificamos” (idem, p.29). A partir dessa relação, ele proporá então três configurações básicas de figura corporal:

Nós somos partes de uma vida biológica. Ao sermos concebidos, herdamos uma constituição de endomorfos viscerais, mesomorfos musculares ou ectomorfos sensoriais. Nossa forma corporal é um poderoso símbolo emocional do nosso self, como uma imagem mítica que nos pode ajudar a compreender nossos papéis e a multiplicidade de modos pelos quais nos identificamos com eles (KELEMAN, 2001, p.31).

Keleman (2001) propõe que o tipo endomórfico coagula um sistema vital e de imagens que se orientam para a intimidade e o cuidado (hormônios, digestão, respiração), enquanto o ectomórfico para a coleta de informações sensoriais (neuro-hormônios e órgãos sensoriais), e o mesomórfico para a ação (grandes músculos e ossos).

Dessa maneira, não é difícil compreender que os corpos mesomórficos correspondam a sistemas simbólicos e comportamentos que se alinham ao arquétipo do Herói; os endomórficos ao arquétipo do feminino e da Grande Mãe e os corpos ectomórficos correspondam a um sistema psíquico no qual os mitos dos guerreiros ocupem certa centralidade. Modos heroicos, criativos-cuidadores e guerreiros possuem diferentes corpos que os acompanham.

Se mito e corpo se interpenetram dessa maneira, começamos a entender melhor os caminhos que entrelaçam vínculo e imaginário.

Uma das questões sobre as quais vimos insistindo é sobre a necessidade de uma visão de comunicação mais complexa, que diferencie a visão simplista de comunicação como troca de informações de uma visão que reconheça o papel dos processos psicoafetivos e emocionais

nos processos comunicativos; dentre esses processos os vínculos possuem um lugar de destaque.

Se psique e soma são uma só e mesma coisa, com processos diferenciados de codificação, mas que, ao final se interpenetram, como vimos em Jung; se mito, símbolo e corpo se espelham e se interconectam, como postulam Campbell e Keleman, então vínculo e imaginário também se pertencem.

Mas como conceber os processos de vinculação por meio do imaginário?

Os processos de vinculação por meio do imaginário se dão nos processos que podemos designar de contágio psíquico, e a palavra contágio, que deveria ser tão presente na comunicação quanto é na área médica, trata de processos não muito discutidos por nossa área, até mesmo porque quase sempre resvalamos mais uma vez e de novo na velha crença de uma comunicação que parte de um homem plenamente racional. Até podemos considerar as dimensões afetivas, mas é como se elas figurassem como um pano de fundo quase sem importância, que podemos ignorar na maior parte das vezes. Nesse sentido, a palavra contágio é incômoda porque ela desvela o grau de inconsciência presente nesses processos, tanto quanto seu grau de inevitabilidade, deixando claro nossa falta de controle racional sobre tudo isso.

Mas será preciso nos atermos aos contágios psíquicos presentes nos processos de compartilhamento do imaginário se quisermos compreender que os vínculos não se dão apenas por meio dos contatos corporais diretos, mas também por meio das imagens partilhadas (carregadas de poder de afecção elas também, temos de lembrar) geradoras de identificação.

É preciso distinguir os processos de contágio psíquico do que vimos chamando de posseção psíquica. Os contágios psíquicos poderão ocorrer no contexto de relações íntimas, familiares, de amizade. São consequência dos vínculos psicoafetivos com pessoas próximas, laços parentais, de relacionamento, que são mais ou menos esperados e tendem a ser mais conscientes. Podem também ser mais ocasionais e gerados pelo sentimento de pertença a um grupo específico, seja escolar, profissional, ou até mesmo os que vemos em um show de música, por parte da plateia.

Já processo mais intenso e mais inconsciente é o que podemos designar por posseção psíquica, que pode ocorrer tanto em pequena escala, em grupos, mas que são típicos de

fenômenos de massa. Jung tratou desses fenômenos ao falar do Nazismo (1985) e W. Reich ao falar da psicologia de massas do Fascismo (2001).

No contexto da Sociedade das Redes Telemáticas e da Mídia Eletrônica, temos refletido sobre esse fenômeno (CONTRERA e TORRES, 2017), que pode ser identificado de forma mais sutil no que temos chamado de comunicação viral, ou ainda nas tendências de moda e consumo, mas de forma intensa e arrebatadora por meio de movimentos coletivos, possessões psíquicas que ocorrem em grupos menores ou maiores, tais quais os casos de alucinação coletiva ou ainda nas novas formas de cegueira ideológica, crenças desprovidas de provas ou credibilidade, e ainda no neofascismo gerado em parte pela propagação repetitiva de certos conteúdos da mídia eletrônica, como vimos recentemente como tendência política mundial.

Quando falamos de possessão psíquica estamos falando de algo mais do que um contágio psíquico, e ainda que tal contágio esteja implícito na possessão, estar possuído extrapola a noção de mero contágio. O estágio de possessão implica em severo rebaixamento cognitivo, em uma hiperafetação, em uma espécie de cegueira superexcitada, e na defesa dos conteúdos simbólicos referentes ao agente possessor. Por agente possessor compreendemos o Arquétipo, seja qual for aquele que esteja constelado, podendo ser o do herói, do salvador, do Pai Tirano, ou ainda de um deus. Todos sabemos o que pode acontecer em um megafestival sob a possessão de Dionísio, ou ainda, conforme bem pontuou Jung acerca do Nazismo, sob a possessão do deus nórdico Wotan.

Os corpos possuídos por um deus, por um arquétipo, por um conteúdo do Imaginário Cultural são arrebatados, são capazes do impossível, são capazes de matar, de morrer, de marchar dias a fio, de dançar dias a fio (CONTRERA e TORRES, 2007), de destruir uma cidade ou erguê-la em tempo recorde. E nesses momentos, os corpos possuídos por esses conteúdos do Imaginário serão um só corpo. E nunca os vínculos foram tão fortes e profundos. Estranhos até a pouco são subitamente irmanados numa cumplicidade que nada tem de racional ou de vivida, que não se baseia em nenhuma experiência anterior; apenas fazem parte da mesma irrupção do arquétipo no momento da possessão, são o corpo coletivo dos deuses do Amor ou da Fúria.

W. Shakespeare compreendeu perfeitamente esse fenômeno que descreveu em Henrique V, no momento em que o rei da Inglaterra exorta os homens ao combate da guerra contra os franceses, evocando o arquétipo do Grande Pai, aqui representado por Júpiter, por

Deus e pelo próprio Rei, provocando uma espécie de possessão que faz com que o pequeno exército inglês empodere-se de tal forma que vence um exército francês bem maior e mais bem armado. O seu famoso discurso dá uma ideia dessa evocação:

“... meu simpático primo, se estivermos destinados a morrer nosso país não tem necessidade de perder mais homens do que nós; e se vivermos, quanto menos formos, maior será para cada um a parte que nos caberá de honra. Deus assim o deseja! Por favor, não desejes um homem a mais. Por Júpiter!... Não desejaria perder tão grande honra... não desejaríamos morrer em companhia de um homem que tivesse medo de acabar como nosso companheiro (desertor)... a festa de São Crispim e São Crispiniano nunca passará sem que esteja associada à nossa recordação, de nosso pequeno exército, de nosso feliz pequeno exército, de nosso bando de irmãos; porque, aquele que hoje verter o sangue comigo será meu irmão; por muito vil que seja, esta jornada enobrecerá sua condição e os cavaleiros que agora permanecem na Inglaterra, deitados no leito, sentir-se-ão amaldiçoados pelo fato de não se encontrarem aqui e considerarão de baixo preço a própria nobreza, quando ouvir falar um daqueles que combateram conosco no dia de São Crispim!” (SHAKESPEARE, 2007).

. E foi assim que evocando Júpiter, Deus, o Rei, e São Crispim, Henrique V exorta os homens de seu exército para que, possuídos pela dignidade (ignidade, o fogo dos deuses), unam-se como irmãos, reforçando os vínculos fraternos de sangue existentes na origem dos clãs que ali compareciam.

Quando a criação do vínculo se dá por meio das possessões, estamos lidando com uma força sobre-humana, e todo o exercício da consciência será pouco para não sermos tragados pelas ondas de comoção coletivas.

As possessões são reais e com elas não se brinca. Não se brinca com a força arrebatadora – para a criação ou destruição – de um deus. E aquele que se julgar protegido das possessões, vacinado dos contágios, esse, será o primeiro a tombar sob eles.

Referências:

- BARROS, A. T. P. (2014) “Gilbert Durand, o montanhês que desafiou a margem esquerda do Sena”, in Revista Esferas, número 4. Universidade Católica de Brasília (<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5119/3446>).
- BARROS, A. T. P. e CONTRERA, M. S. (2018) “Estudos do Imaginário: a iniciação como método”, in **IMAGEM/IMAGINÁRIO**. Porto Alegre: Ed. Imaginalis (www.imaginalis.pro.br - www.compos.org.br www.pagina42.com.br - www.estronho.com.br).
- CAMPBELL, J. e KELEMAN, S. (2001) **Mito e Corpo**. São Paulo: Summus Editorial.
- CONTRERA, M. S. (2002) **Mídia e Pânico – Saturação da Informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Ed. Annablume (disponível em www.midiaeimaginario.org).
- CONTRERA, M. S. in MARCONDES FILHO, C. (2009) **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Ed. Paulus.
- CONTRERA, M. S. e TORRES, L. (2017) “Imaginário e Contágio Psíquico”, in Revista INTEXTO número 40, UFRGS (<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/73671/43474>).
- DURAND, G. (1998) **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget.
- JUNG, C. G. (1985) *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- (2002) **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Ed. Vozes.
- (2011) **A natureza da psique**. Petrópolis: Ed. Vozes.
- KAMPER, D. (1998) **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume.
- KAMPER, D. In WULF, C. (2002) **Cosmo, Corpo, Cultura**. Enciclopedia Antropologica. Milano: Ed. Mondadori.
- LE BRETON, D. (2003) **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus.
- MORIN, E. (1988) **O método 4**. Lisboa: Publicação Europa-América.
- REICH, W. (2001) **Psicologia de massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes.
- SHAKESPEARE, W. (2007) **Henrique V**. Porto Alegre: L&PM Editores.
- WAAL, F. de (2010) **A era da empatia**. São Paulo: Cia. das Letras.